

Bloco de Notas

Bloco de Notas

A propaganda do "outro lado"
Pensar o pós-guerra na Ásia Central
Somália: o próximo alvo?
A Mafia adapta-se aos novos tempos

A propaganda do "outro lado"

Em qualquer conflito militar ambos os lados lançam uma guerra de propaganda. A nossa tendência enquanto opinião pública é para encarar como informação objectiva a propaganda do "nosso lado" e como manipulação a do "outro lado". "The World Today" de Dezembro analisa a guerra do Afeganistão dando alguns exemplos de como corriam rumores (muitas vezes aparentemente não organizados) no mundo árabe, que contribuíram para prejudicar a imagem das forças ocidentais. Aquilo a que o autor, Philip Taylor, chama "mitos urbanos" espalhou-se desta vez com grande facilidade através da Internet. Um exemplo: o rumor de que os serviços secretos israelitas, a Mossad, estariam por detrás do atentado ao World Trade Center porque no fatídico dia 11 de Setembro quatro mil judeus teriam (supostamente avisados) faltado ao trabalho surgiu na paknews.com e rapidamente foi dado como um facto em vários países árabes. Algo de semelhante passou-se com o boato de que as imagens de palestinianos a celebrar os ataques, transmitidas pela CNN, tinham sido filmadas durante a guerra do Golfo e que a cadeia norte-americana as estaria a utilizar precisamente como propaganda. Para mais rumores, e para perceber como estes surgem e se espalham, consultar a página "The Rumors of War Page" na Internet (www.snopes2.com/rumors.htm).

Pensar o pós-guerra na Ásia Central

O International Crisis Group centrou as suas atenções na complexa questão do pós-guerra no Afeganistão e faz uma série de recomendações, entre as quais um aviso à comunidade internacional de que será necessário um esforço financeiro "considerável e continuado" durante vários anos se se quiser evitar que o país seja novamente arrastado para um conflito. Mas não basta ajudar o Afeganistão. É preciso não esquecer a região à volta. "Os Estados da Ásia Central continuam a enfrentar sérios desafios", sublinha o ICG no seu relatório de Novembro - um dos mais sérios é o da produção, tráfico e consumo de droga, ao qual o ICG dedica um relatório separado. Mas o grupo alerta também para o facto de se tratar de regimes "de natureza fundamentalmente não democrática" e de no passado terem sido cometidos erros quando se tentava ajudar. "Muita ajuda desapareceu em estruturas governamentais corruptas, enquanto outros pacotes resultaram em projectos de prestígio e larga escala com pouca utilidade evidente". É preciso, por isso, que no futuro haja uma estratégia coordenada que passe também por "um esforço para influenciar as políticas governamentais na prática e não no papel".

Somália: o próximo alvo?

Numa altura em que se especula bastante sobre a possibilidade de a Somália ser o próximo alvo dos Estados Unidos na guerra contra o terrorismo, a "Jane's Defense Weekly" de Janeiro publica um artigo absolutamente essencial de Hailes Janney sobre a situação naquele país africano. A tarefa não será fácil, avisa Janney, que recorda a dificuldade que os EUA tiveram em obter informação fiável durante a sua intervenção de 1992/94. Apesar de ser um país cada vez mais islamizado (onde muitas mulheres já adoptaram o estilo de traje saudita, que só deixa ver-lhes os olhos), "nunca se tornou um bastião de grupos terroristas como o Afeganistão", em grande parte devido ao complicado e muito rígido sistema de clãs, que dificulta qualquer interferência exterior. Os problemas que os grupos ligados ao terrorismo - e nomeadamente à Al-Qaeda - enfrentaram para actuar na Somália obrigaram-nos a abdicar de controlar território e forçaram-nos a uma espécie de clandestinidade, que tornará ainda mais difícil para os americanos identificá-los. Se existem campos de treino activos, afirma Janney, eles ficam em zonas completamente remotas e desabitadas como Ras Kiamboni e Las Quoray. Há, no entanto, um sector onde as ligações aos islamistas, incluindo importantes financiadores de países do Golfo, poderão ser mais facilmente identificadas, que é o da economia. Os EUA já apontaram para aí baterias ao acusar a empresa Al-Barakaat, baseada em Mogadíscio, - e através da qual todos os somalis no estrangeiro enviavam dinheiro para as suas famílias - de financiar a Al-Qaeda com os seus lucros.

A Mafia adapta-se aos novos tempos

Alvo de uma repressão policial reforçada a partir de meados dos anos 90, a Mafia italiana - que se divide na Cosa Nostra na Sicília, a 'ndrangheta na Calábria, a Sacra Corona Unita na Apúlia, e a Camorra em Nápoles, num total de cerca de 20 mil membros - mudou as suas tácticas para assegurar a sobrevivência, segundo a "Jane's Intelligence" de Dezembro. Em primeiro lugar diminuindo consideravelmente os níveis de violência, tanto contra alvos externos, como a nível interno, para evitar chamar a atenção da polícia. Em segundo lugar, reestruturando os grupos, com o reforço dos laços de sangue, para diminuir o risco de surgirem "arrepentidos" - uma das principais armas usadas pela Justiça italiana nos últimos anos. E em terceiro lugar, criando relações cada vez mais alargadas com grupos não italianos, dividindo os negócios e geralmente deixando para os estrangeiros áreas que interessam menos aos italianos, como o tráfico de imigrantes e a prostituição.